

CULTURAS LOCAIS

A ESCOLA EM RITMO DE FORRÓ

Mário Sergio T. de Oliveira

Esse texto é fruto de observação sistemática realizada em uma escola da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro, onde, em meio a "deambulações errantes" (Pais, 1993) no convívio com a comunidade escolar, estive procurando entender os sentidos da educação para os/as alunos/as matriculados na Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Apoiado no entendimento da escola como lócus de produção de cultura (Tura, 2003), pude anotar em meu diário de campo, observações valiosas sobre aquela instituição pedagógica e meus interlocutores: alunos/as e professoras.

Nessa escola, encontrei na estrutura oferecida espaços negociados, ritmos, ritos e formas de se organizar que lhe eram muito próprios. Percebi, em meio às tensões observadas, a vida que pulsava naquele lugar – cujos alunos/as eram, em sua maioria (80% dos matriculados), oriundos do nordeste brasileiro. Ou seja, a escola era marcada por aquilo que se pode chamar de cultura nordestina.

Nesse texto, quero fazer um destaque para a festa junina, que vi acontecer na escola e que encerrava em si uma importante tradição de organização comunitária, tendo em vista a cultura nordestina.

A festa junina foi para os sujeitos educativos daquela escola um momento revelador de valores, formas de organização, alianças, resistências, rompimentos e confraternização entre os grupos.

O forró – essa dança e música típicas da terra natal da maioria absoluta dos/as alunos/as – contou com a participação ativa dos estudantes. Eles dançaram até “não agüentar mais”. Além disso, nas brechas da estrutura educacional, marcada por posicionamentos bem estruturados, os estudantes foram construindo formas de se manifestar enquanto grupo social. Eram sujeitos estabelecendo suas táticas de praticantes, como estudou Certeau (1996).

O que pude, então, testemunhar é que a relativa distância entre alunos/as e professoras foi, nessa ocasião, subvertida. Ou seja, durante o festejo junino, observei uma interessante mudança nos papéis interpretados pelos estudantes, que assumiam a posição de dirigentes quando, ao sabor do som do forró, "tiravam de surpresa" todo o staff de direção e as desconsertadas professoras para dançar. A música aproximava todos do centro do pátio interno, que se transformara em um grande salão de dança. Neste momento, constatei desconstrução daquela distância hierarquizada, que posicionava as professoras para um lado do salão, o staff de direção para outro e alunos/as no meio. Assim, os/as alunos/as, "forrozeando" naquele "arrasta-pé arretado" subvertiam uma ordem consagrada, botando todo mundo para dançar no meio do salão.

Entre tantos sentidos possíveis que a educação assumiu no encontro daqueles estudantes, o resgate do sentimento de pertença social se fez muito especial. Para além do ambiente de ensino e aprendizagem, a escola se apresentou, naquele dia, como lugar de afirmação de uma cultura e os estudantes puderam, então, tecer novos referentes. Apresentou-se, também, como espaço de definição e "formação de identidades e subjetividades" (Hall,1997) num momento em que os/as alunos/as pareciam celebrar a sua relação de grupo e a sua presença na escola.

.....

Sobre o(a) autor(a):

Mário Sergio T. de Oliveira: Doutorando do PROPED/UERJ.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação e Realidade*, v.22, n.2, p. 15-45, jul/dez, 1997.
- PAIS, J.M. Nas rotas do cotidiano. Lisboa: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 37, p. 105-113, jun. 1993.

- TURA, M de L. R. A observação do cotidiano escolar. In. ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marilia Pinto de, VILELA, Rita Amélia Teixeira. (org.) *Itinerários da pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. p. 183-206.